TL 7088

Caríssimo Irmão

Novamente vão as nossas mais cordiais saudações e os nossos fraternais abraços.

Estive à espera da sua resposta nesses dias porque necessitava imenso de saber o fim a que se destino o seu questionário para poder dar-lhe a resposta adequada segundo as minhas extremas limitações. Todavia, ninguém me veio dizer nada assim como não recebi a sua resposta pelo que resolvi responder-lhe já porque achei necessário fazer, uma vez que reconheço ser útil na medida em que cobre a actual situação. Reconheço não poder satisfazer os seus desejos mas é isso o que lhe posso dar como resposta às suas perguntas.

P. 1- DEPOIS DA CAPTURAÇÃO DO COMPANHEIRO MAUHNO, COMO FICOU A NOVA ESTRUTURAÇÃO DO CNRM? QUAL A IDENTIDADE DO NOVO COMANDANTE DAS FALINTIL?

R- A- O CNRM (Conselho Nacional da Resistência Maubere) como estrutura nacional da resistência, unificadora das mais diversas tendências políticas, sociais, religiosas, de todos quantos no interior da pátria ocupada e no exterior desejam lutar pela libertação deste pedaço de Terra- sagrada herança deixada pelos nossos ancestrais, continua a ser o Orgão Nacional Supra-partidário que comanda a luta no seu todo.

Contudo, estrutura do CNRM entendido como conceito teórico definidor das formas de organização da resistência, ela busca continuamente objectividade na sua materialização prática, procurando adaptação e correspondência às novas realidades que emergem como produto das transformações necessárias operadas pelos seus actores ou pelas mudanças bruscas que o inimigo nos impõe no decurso da luta, como está acontecendo agora.

A captura de Xanana Gusmão, o líder intelectual, o ideólogo e o arquitecto da formação do CNRM produziu alteração na sua composição orgânica da estrutura do CNRM sem alterar em nada os fundamentos políticos básicos que permitiram a existência do CNRM, mas provocou fendas profundas na sua estrutura que impunha necessidade de preencher-las.

No esforço de recompormos a estrutura da nova direcção da luta, formou-se uma Comissão Político-Militar da Resistência Armada composta pelas chefias da Comissão Directiva da FRETILIN-CDF e do Estado-Maior-das-FALINTIL, que dirigiria a Luta em regime transitório e pelo princípio de direcção colectiva da qual se colocou à testa o companheiro Ma'Huno, então secretário da CDF e novo Chefe da Resistência.

Essa Comissão Político-Militar da Resistência Armada-CPMRA como orgão provisório da luta, funcionava como o braço lançado do Comandante-das-FALINTIL no terreno, pois, até então ainda se reconhecia em Xanana Gusmão o seu papel de líder máximo da Luta apesar de estar preso pelos indonésios e sem capacidades de tomar decisões sobre a luta. Essa decisão da Comissão Político-Mili-

tar da Resistência Armada - CDM/RA fundamentava-se na reiterada confiança que toda a Resistência Armada tinha no seu líder capturado apesar deste nos ter apelado a depormos as armas e rendermo-nos ao inimigo, apelo esse que embora nos tivesse desiludido à todos, soubemos compreender

Estávamos por isso mesmo confrontando-nos com uma situação delicada: entre a reiterada confiança da Resistência Armada no seu líder e a necessidade de tomar nos decisões para evitarmos males maiores para a Luta, tínhamos que escolher entre elas, uma. A evolução dos acontecimentos provocou novas mudanças e advertiu a nova Direcção para tomar medidas afim de clarificar a situação, decidindo suspender as funções do Comandante-das-FALINTIL preso e este mesmo cargo na Resistência Armada, melhor dito, na estrutura do CNRM.

Se se afirma que no processo de condução de uma guerra como a nossa a capacidade subjectiva do seu Comando é factor decisivo para o sucesso da luta, procurando por isso mesmo ultrapassar o IN. sempre por um palmo, em pensamento, pessoas atentas com a evolução dos acontecimentos no interior da Pátria dizem que a Nova Direcção da Luta padece de capacidades subjectivas. Não negamos! Reconhecemo-las com profunda angústia mas também nosso dever fazermos qualquer coisa para respondermos a crise que a luta atravessa.

A captura de Ma'Huno, o novo Líder da Resistência foi mais um novo e durissimo golpe que o inimigo nos desferiu. Como consequência, estávamos perante uma situação caracterizada pelo "vazio da direcção"; como consequência também vive-se hoje uma alteração ainda mais radical da situação, quer se trate de condições subjectivas como ainda de condições materiais objectivas.

Esforços foram dispendidos nesses últimos meses para possibilitar um contacto entre os membros da actual Direcção da Luta para reorganizar a luta e a sua Direcção que constituia a preocupação central nossa. Após a captura do companheiro Ma'Huno essa preocupação foi ainda maior, tendo-nos esforçado por todos os meios para conseguirmos um encontro entre a Direcção interna, todavia o inimigo impôs-nos sérias dificuldades que nos impossibilitaram a realização desse desejado encontro para mais que estamos no terreno dispersos para cobrirmos a actual situação materializando as tarefas estabelecidas.

Estávamos por isso mesmo vivendo uma situação particularmente difícil em que só a consciência das responsabilidades nos impunha o cumprimento dos deveres. Vivíamos uma situação em que só a coragem política, a firmeza e determinação alimentavam vontades e energias morais para tomarmos decisões importantes e decisivas. Vivíamos uma situação em que as exigências da luta ditavam a necessidade de tomada de decisões individuais em detrimento das regras da democracia, mas democracia, em nosso entender, é também RESPONSABILIDADE

Estávamos por isso mesmo vivendo uma situação particularmente difícil para a nossa Luta para além de que os princípios democráticos que regem a nossa organização de resistência ditam que qualquer decisão a ser tomada deve estar dentro das atribuições definidas a cada um e, em particular, para a escolha do novo chefe, necessitava no mínimo, o apoio da metade dos membros que compõem a actual Direcção.

Impunha-se por isso mesmo a necessidade de reunirmos coragem política necessária para tomarmos medidas a fim de darmos ruptura à actual crise que enferma a nossa luta. Era necessário tomarmos a peito as responsabilidades que assumimos perante a luta para servi-la apesar de reconhecermos as nossas ex-

tremas limitações.

B- B- Considerando tudo isso, no cumprimento dos deveres que assumimos da luta e conscientes das gravíssimas consequências que o arrastamento da situação caracterizada pelo "vazio da direcção" representava para a Luta, por DEVER E HONRA, eu, Nino Konis Santana declarei assumir, em 25 de Abril passado, a Chefia da Resistência no plano interno, resolvendo assim parte do problema que afectava a Direcção da Luta.

É uma decisão pessoal, mas necessária porque respondeu aos interesses da luta. É uma decisão que necessitava de ratificação dos membros do CNRM na frente armada e está já ratificada.

Pode parecer às pessoas intentadas que a nossa decisão é uma medida desesperada para remediarmos o mal, naquilo que se costuma dizer "tapa-furos".

Se bem que reconhecamos com angústia as nossas fraquezas pessoais que nos tornam mais pequeninos para assumirmos tamanha responsabilidade, nunca é demais uma atitude desesperada porque não estamos desesperados, as dificuldades nunca constituiram motivo de desespero para nós em nenhum momento, antes pelo contrário, elas sempre nos motivaram para uma constante renovação das nossas energias, da nossa coragem e para a auto-confiança colectiva e individual, constituindo elas mesmas a alavanca das nossas iniciativas.

Queremos esclarecer também que o novo chefe da Resistência Armada não é necessariamente Comandante-das-FALINTIL, cargo que até já foi suspenso por decisão da Comissão Político-Militar da Resistência Armada para além de que o mesmo se identica na FRETILIN, partido que sempre militou e que é também seu líder actual por acumulação.

Poderia perguntar-se isso não equivalia a partidarização da Luta e da sua Direcção? Não! De forma nenhuma porque nós continuamos fiéis aos princípios que deram fundamento à formação do CNRM, nós continuamos a HONRAR o pensamento político que fundamentou a existência do CNRM. Além disso, a estrutura a ser adoptada para a Direcção da Luta no plano interno funciona em sistema colegial da qual fazem parte a Chefia da Comissão Directiva da FRETILIN e do Estado-Maior das FALINTIL*

C- Como dissemos, a nossa assunção à liderança da direcção interna apenas resolveu parte do problema que afecta a Direcção, pois o que é fundamental, o que é decisivo ficou por responder ou está ainda por ser resolvido.

As extremas dificuldades que a nova Direcção vive, essencialmente no plano das capacidades subjectivas dos seus membros, tanto individualmente como a a Direcção no seu conjunto, como ainda a consciência que se tem hoje sobre a exterminação da guerrilha não como uma hipótese aventada mas como uma possibilidade real a curto ou a longo prazo e, conscientes ainda que a nossa Luta chegou a uma fase do seu desenvolvimento em que o factor diplomático passou a ocupar a posição decisiva na solução da questão de Timor-Leste (se bem que não podemos menosprezar nunca as acções políticas das massas populares junto do inimigo e as acções armadas das FALINTIL) surge como necessidade imperiosa da Luta garantirmos a manutenção e continuidade da resistência popular organizada em todos os planos, tendo como condição fundamental a existência de uma direcção capaz, segura, estável e combativa quer no interior da Pátria e sobretudo, no estrangeiro.

Considerando tudo isso e fiéis ainda para com os princípios que deram fundamento à formação do CNRM, princípios cuja observância rigorosa constitui a condição fundamental para a manutenção e coesão da nossa organização de resistência nacional à ocupação, a Direcção da Luta no plano

*- Não só, mas sobretudo porque o Líder Máximo do CNRM, órgão Máximo da Luta é o Sr. Ramos-Horta, que até tão prematuramente é Espe-cial do CNRM no exterior e representante pessoal do Comandante-das-FALINTIL, portanto, o CNRM continua a ser Órgão Nacional Supra-partidário.

interno decidiu, no interesse da Luta, proceder a transferência de poderes de decisão global sobre a Luta. ou seja a liderança máxima do CNRM ao Dr. José Ramos-Horta, até então Representante especial do CNRM no exterior.

Esta decisão da Direcção da Luta no plano interno de confiar no Dr. Ramos-Horta a Chefia máxima da Luta marca uma viragem histórica radical na condução da Luta, invertendo as posições que a liderança interna e externa ocupavam, passando esta a comandar aquela. Como consequência, impõe-se a necessidade de redefinirmos as estruturas a funcionar no interior da Pátria, tanto na frente armada como na frente clandestina pois que no plano diplomático ou na frente externa da nossa luta as competências estão entregues ao irmão e líder máximo da Luta, o Dr. Ramos-Horta.

Prevemos que Jakarta se apressará em fazer o aproveitamento político-diplomático desta situação movendo a sua diplomacia a explorar isso, mas pensamos que esse aproveitamento terá apenas efeitos imediatos, a curto prazo, enquanto que a nossa decisão cumpre uma dupla função: responder a situação presente e garantir pelo tempo fora, a continuidade da resistência organizada e dirigida do nosso Povo.

Por outro lado, essa forma de Direcção da Luta não é um facto único novo no mundo para não merecer legitimidade e reconhecimento internacional. O povo palestino que luta há mais de duas décadas, para edificar um estado palestino livre, tem a sua direcção, a OLP no exterior dirigindo a entifada palestina no interior da pátria palestina ocupada por Israel.

Embora nunca desejássemos fazer transposições de situações porque reconhecemos a especificidade de condições em que cada luta se desenvolve, e a OLP reabe um apoio internacional incomparavelmente superior a nós para além de que ela luta numa área-geopolítica totalmente favorável, julgámos que não será por isso que se tornaria ilegítima a Direcção máxima da Luta situar-se no exterior.

Assim, pela inversão das posições que o interno e o externo ocupam hoje, a Direcção da Luta na frente armada desempenha o papel de direcção sòmente no plano interno submetendo-se a liderança máxima no exterior.

Funcionariam, portanto, dois orgãos da luta no plano interno: O Conselho Executivo da Luta/FRENTE ARMADA e o Conselho Executivo/frente clandestina que na sua relação com o CNRM, orgão máximo da luta, são todos orgãs executivos como o próprio nome indica; porém, há uma particularidade que se deve aclarar: a relação que existe entre o Conselho Executivo da Luta/Frente Armada-CEL/FA e o Conselho Executivo da Luta/Frente clandestina é de subordinação do segundo ao primeiro ou seja, o CE/FC mantem a anterior relação de subordinação ao actual CEL/FA.

C.S. Constituiria cada orgão executivo da Luta 5 (cinco) membros do CNRM, reforçando assim o efectivo da Direcção da Luta no plano interno para um total de 10 (dez) membros.

2-Na Resistência Armada, o Conselho Executivo da Luta/Frente Armada é constituido por uma Comissão Político-Militar da Resistência Armada, formada pelas Chefias da Comissão Directiva da FRETILIN-CDF e do Estado-Maior das FALINTIL - EMF.

2.a - Da chefia da Comissão Directiva da FRETILIN-CDF
— Nino Konis Santana - Vice-secretário da CDF (acumulando as funções de Secretário da mesma) é o chefe do Con-

selho Executivo da Luta/Frente Armada
– Lú Olo - vice-secretário da CDF e membro do CNRM responde pela mobilização do Povo de Timor-Leste a luta

2.6. Da chefia do Estado-Maior das FALINTIL
– Taur Matan Ruak - Chefe do Estado-Maior das FALINTIL
– Lere Anak Timor e David Alex Saitula, Sub-chefes do Estado-Maior das FALINTIL

A Chefia do Estado-Maior das FALINTIL é o Comando das FALINTIL no terreno, accionando-as para manter sempre vivas as chamas da Resistência.

3- Quanto a Resistência Clandestina, a sua estrutura não é revelada por razões de segurança. Caberá à Direcção da Frente Armada contactar com a Direcção da FRENTE clandestina para buscar as modalidades mais adequadas da sua organização. No entanto, informa-se que os (cinco) membros que constituem o CELIFC são todos membros efectivos do CNRM e serão providos das massas estudantis e das massas patriotica e nacionalista.

É tudo quanto temos a responder a essa pergunta

P.2- O QUE PENSA O NOVO COMANDANTE SOBRE A SITUAÇÃO OU SEJA, QUAL AS LINHAS GERAIS DE PENSAMENTO, A SUA DECLARAÇÃO?

R – Declaramos HONRAR continuamente o Pensamento Estratégico definido pelo antecessor líder, o histórico Chefe Consensual da Resistência Maubere, Xanana Gusmão, prestando fidelidade aos compromissos políticos assumidos e esforçarmo-nos para implementar uma solução aceitável por todas as partes interessadas e em particular a Indonésia.

P.3 – O QUE PENSA DO ENCONTRO/CONFERÊNCIA DE ROMA, 21 de ABRIL 1993? QUE ESPERA DE PORTUGAL

O

R- O encontro/conferência de Roma já tinha passado quando recebemos o seu questionário. Pelo isolamento total em que nos encontramos, não conseguimos saber dos resultados daquele encontro retineiro, mas julgamos que é aquilo que todo o mundo já sabe.

A intransigência de Jakarta serviu mais reforçada com a captura sucessiva dos nossos líderes máximos, os nossos maiores ideólogos e sabios e como tal, nós não esperávamos que uma solução que beneficiasse a nossa causa pudesse surgir desse encontro.

Contudo, pelo facto da Conferência ter sido realizada em Roma, esperávamos que o drama de Timor-Leste pudesse sensibilizar a indiferença da Santa Sé com relação ao nosso caso.

Estamos totalmente isolados do mundo pelo que não pudemos acompanhar a evolução dos acontecimentos. Todavia, é nossa convicção de que o peso das rapias, dos interesses se sobrepõe aos valores do direito, da justiça e do humanismo. Pensamos que a Santa Sé não estará disposta a prejudicar as suas boas relações com a Indonésia por causa dos interesse de um punhado de católicos timorenses, nem continuaremos a lutar pelos ideais que conduziram a nossa luta.

— Quanto a Portugal, reconhecemos-lhe as suas enormes fraquezas na defesa da nossa causa. A indefinição de uma estratégia concreta e firme sobre a questão de Timor Leste constitui a maior fraqueza de Portugal, para além de que, embora membro da CEE (Comunidade Económica Europeia) é um país economicamente muito fraco, dependente dos países ricos da própria CEE. A crise económica que assola hoje o velho continente faz de Portugal a potência cada vez mais impotente. O ocidente não estará disposto a sacrificar os seus interesses económicos em benefício dos direitos dos timorenses, uma vez que Jakarta é um país economicamente promissor, uma chamariz para os interesses do mundo rico, um grande parceiro económico e comercial dos países ocidentais donde retiram muitos lucros para a recuperação das suas economias enquanto que Timor-Leste é apenas uma gotinha de água no oceano dos grandes interesses económicos dos poderosos, dos que mandam no mundo, dos que são campeões da defesa dos direitos humanos.

Mas apesar de tudo isso, continuamos a olhar para Portugal como a tábua de salvação do nosso Povo nesse oceano traiçoeiro de vagas ruidosas, semeando injustiças.

Continuamos a acreditar que Portugal não nos abandonará, tão pouco a defesa dos direitos fundamentais do nosso Povo.

Continuamos a acreditar que o consenso nacional que Portugal adquiriu com relação ao problema de Timor-Leste constitui uma evolução política positiva e que esse consenso se manterá.

Acreditamos que no cumprimento dos seus deveres decorrentes da sua constituição, à luz do direito internacional, Portugal continuará a batalhar pelos direitos fundamentais do nosso Povo e temos a confiança na capacidade de imaginação criativa da diplomacia portuguesa que lhe permitirá encontrar com a Indonésia uma solução aceitável por todas as partes interessadas.

Temos a total certeza que o Povo irmão português, outrora vítima do facismo de Salazar/Caetano, não abandonará o seu povo irmão timorense na sua luta contra o facismo militar de Jakarta.

De resto, cabe-nos a nós os timorenses, persistirmos na luta pela conquista dos nossos direitos fundamentais porque como disse Xanana Gusmão "trata-se unicamente da nossa libertação".

P-4- O QUE PENSA DA IDEIA DA AUTONOMIA COM A INDONÉSIA

R- Qualquer solução que vise criar condições para que se respeite o direito do nosso Povo à sua autodeterminação é aceitável.

D. Ximenes Belo, em 85, se não estou em erro, ventilou a ideia de uma autonimia especial de Timor na Indonésia.

Em 90, Xanana Gusmão propôs aos indonésios uma trégua onde se iria discutir, num ambiente de confiança, uma solução para a questão de Timor-Leste, admitindo a hipótese da autonomia como solução para a questão de Timor-Leste.

Ainda 90, quando o Sr. Robert Doom se avistou com Xanana Gusmão, em Setembro daquele ano, o líder da Resistência apresentou como plano de Paz o "diálogo sem pré-condições entre todas as partes interessadas na questão de Timor-Leste. Ao propôr isso, estávamos com a disposição plena de aceitar todas as consequências desse diálogo, incluindo a autonomia.

Em 92, o Representante Especial do CNRM no exterior, o Dr. Ramos Horta, actual líder máximo da Resistência propôs um novo plano de paz, apresentando detalhadamente as linhas gerais de uma autonomia do território de Timor-Leste na Indonésia, plano esse que foi bem aceite pela comunidade internacional e pela própria ONU, como sendo a solução mais acertada que beneficia todas as partes envolvidas no conflito. A propósito aproveitamos já esta oportunidade para reiterarmos mais uma vez a nossa confiança no actual líder máximo da Luta, encorajando-o a levar avante a sua proposta, porque isso representaria a verdadeira reconciliação entre os contendores.

Jakarta, intransigente e arrogante, sempre rejeitou o ramo de oliveira oferecida pela Resistência, pois considera a boa-vontade da Resistência como a cortina que encobre a total fraqueza da Resistência. Não negamos que estamos fracos, sempre fomos fracos, mas se Jakarta firma-se na sua intransigência, nós não temos outra escolha se não resistirmos até às últimas consequências.

Jakarta defende o seu realismo mas esse realismo que não passa pela sujeição total do nosso Povo aos indonésios, é para o nosso Povo inaceitável.. 18 anos consecutivos de resistência são um lapso de tempo na história dos povos do mundo, mas para o nosso Povo é um período demasiado longo quando avaliamos o enorme peso das suas consequências. 18 anos consecutivos de resistência de um povo indefeso e fraco que luta sem olhar para os sacrifícios que a sua resistência acarreta é a prova mais inequívoca da vontade do nosso Povo de defender o seu direito à autodeterminação, pela conquista dos seus direitos de viver como Povo e como ser humano dentro da comunidade das nações.

E realismo deve partir do conceito de concessão recíproca. Portanto a ideia de autonomia não é apenas uma solução possível mas também e sobretudo, aceitável, desde que haja reciprocidade de concessões.

5- RAMOS-HORTA CONTINUARÁ A SER O REPRESENTANTE ESPECIAL DA FRENTE ARMADA NO EXTERIOR.

Já lhe respondi essa pergunta na resposta que foi dada à sua pergunta primeira.

O Dr. Ramos-Horta não só é representante da Frente Armada no exterior, mas é o representante máximo de toda a Resistência timorense, é o LÍDER MÁXIMO DO CNRM.

P.6 - QUAIS SÃO AS DIFICULDADES QUE A FRENTE ARMADA ESTÁ A ATRAVESSAR: COMUNICAÇÃO, MANUTENÇÃO/LOGÍSTICA, ARMAMENTO, MEDICAMENTOS, etc. etc.

R- Se nos pede para enumerarmos as dificuldades que a Frente Armada atravessa neste momento, devemos informar-lhe que necessitaríamos de um livro inteiro sem podermos mencioná-los todas. Vivemos um colossal de dificuldades que nos arrepiam, tolhem os nossos esforços e obstruem as nossas iniciativas. Elas são tantas que a enumerá-las até nos desperam, mas nem por isso estamos desesperados, antes pelo con-

trario, elas constituem o verdadeiro motor de arranque de novas iniciativas, a nossa força de imaginação criadora em busca de soluções para os nossos problemas.

- No plano de comunicação, a Frente Armada enfrenta agora o pior das situações que até aqui tem vindo a encarar e constitui uma das nossas preocupações maiores a serem resolvidas.

As severas medidas de restrição e controle da população impostos pelo inimigo na seguência da captura de Xanana Gusmão e posteriormente de Mª Hunu, limitaram enormente as nossas possibilidades de contacto com a mesma população a partir da qual são feitas as nossas ligações e contactos entre os diversos agrupamentos militares na Frente Armada e entre os membros da Direcção. Além disso, os contactos via mato são, em muitos casos, impraticáveis nesse período de chuvas com ribeiras caudalosas e intransponíveis não só, como também as constantes e sucessivas operações militares do inimigo nas nossas zonas contra os guerrilheiros tornam-nas muito mais difíceis e muitas vezes impraticáveis.

Não dispomos de aparelhos de comunicação que nos facilite os contactos.

Pior ainda quando abordamos as dificuldades de comunicação com o exterior. As vias que dispunhamos para esse efeito estavam sob o controle restrito do Comandante-da-FALINTIL, Xanana Gusmão e a sua captura deu ponto final a tudo!

Temos que começar tudo a partir do nada! É difícil, mas não é impossível, tanto mais que temos como princípio orientador para esta dificílima situação, "fazer do impossível uma possibilidade". É um princípio ilusório, inconcebível realmente, mas também atesta, por outro lado, o estado da nossa determinação e vontade de persistirmos na resistência. Temos o apoio do nosso Povo, contamos com a firmeza e determinação dos nossos compatriotas, e acreditamos que com o vosso apoio ultrapassaremos essas dificuldades.

— Quanto ao problema logístico, os guerrilheiros não têm problema neste sentido porque há 18 anos que vimos vivendo básicamente dos recursos naturais que abundam nas nossas matas. Além disso temos as hortas das nossas populações onde vamos buscar o que é necessário para sobrevivermos e lutarmos. Temos também o apoio das nossas organizações clandestinas que nos podem assistir em tudo o que podem. O próprio inimigo sabe disso.

Nós nunca estivemos dependentes de qualquer apoio das organizações humanitárias internacionais, muito embora nos assistisse também esse direito. Mas é melhor não falarmos nisso porque até essas organizações humanitárias estão ao serviço do próprio inimigo.

Precisamos de algum dinheiro para outras necessidades básicas dos guerrilheiros e para satisfação da necessidade de luta, mas quem nos poderá dar, se o nosso povo nem tem o mínimo para a sua própria subsistência?

— Quanto a questão de medicamentos, é outro problema cuja solução temos buscado ao longo desses anos no recurso à nossa medicina tradicional - cascas, raizes e folhas que abundam na nossa terra. Não dispensámos, nunca dispensamos a utilização dos medicamentos industrializados que algumas vezes as nossas organizações nos fornecem. Precisamos essencialmente de anti-bióticos, anti-malária, material para primeiros socorros, essencialmente para feridos em combate, etc. etc. Hoje tudo nos é difícil

mas nada se alcança, nada se consegue sem trabalho, sem esforço atuando e persistente e acreditamos que com o vosso apoio ultrapassaremos também essas dificuldades.

— Quanto ao problema de armamento é uma questão vital. Contudo, há 18 anos que vimos lutando sem nenhum apoio exterior, contando unicamente com as nossas próprias forças. O número de armas que possuímos o próprio inimigo sabe. Há 15 anos que fomos considerados como um bando de 50 desarmados que vandanos de um lado para outro fugindo da morte. Hoje julgamos que já estamos inferiores aos 50 iniciais, mas esses poucos desarmados persistirão na luta até ao fim.

Jakarta sabe quanto tempo podemos resistir ainda e aposta na exterminação da guerrilha a curto prazo, mas faremos tudo para contrariarmos as suas previsões optimistas oferecendo-lhe uma resistência pelo tempo que fôr necessário.

Não temos paiol de munições e armas, mas continuamos a abastecer-nos com as armas e munições que os soldados indonésios levam, matando-os em combate e recuperando as suas armas e munições.

E se formos pedir apoio militar do exterior, quem nos poderá ajudar?

D. 7- QUE APOIO QUE ESTÁ A RECEBER DA POPULAÇÃO, DA Igreja e outras entidades?

R- A pergunta é manhosa mas é também interessante porque a resposta a dar-lhe pode desfazer dúvidas que abundam por aí fora.

a) Afirma-se por aí fora que a população deixou de apoiar a guerrilha que o nosso Povo já renunciou a sua luta tornando-se hoje hostil à guerrilha e à sua Direcção. A provar disso, segundo dizem, está no facto da população ter apoiado as autoridades de ocupação na captura dos líderes da Resistência, como o caso de Xanana Gusmão, Ma'Huno..

Não se nega que elementos populares tenham colaborado o inimigo no fornecimento de informações que permitiram a localização de Xanana e Ma'Huno e a sua consequente captura.

Porém, isso não pode representar a cessação do apoio popular a guerrilha e quero tornar claro que não fosse as brutais ameaças, violências, terror e intimidação que os indonésios utilizam contra as suas vítimas, nunca teria sido possível ao inimigo capturar os nossos líderes.

Por outro lado, não há lutas neste mundo que nunca tivesse sofrido derrotas, recuos e estagnações, não tivesse havido actos de infidelidade, de cobardia e de traição. Queremos tentar perceber que a PIDE portuguesa não teria conseguido assassinar o líder histórico do PAIGC, Amílcar Cabral se não houvesse fugas de informação nas próprias fileiras do PAIGC. Amílcar morreu assassinado pela PIDE mas a sua morte não representou o fim do apoio do Povo guineense à guerrilha liderada pelo PAIGC da qual Amílcar Cabral era chefe. Antes pelo contrário, a luta do povo guineense prosseguiu, as fileiras do PAIGC foram reforçadas e o povo guineense persistindo na luta conquistou a sua independência, derrotando o colonialismo português.

Não querendo transpor o exemplo da Guiné-Bissau para a questão de Timor-Leste, cuja especificidade a torna diferente, devemos afirmar que continuamos a receber o calor fraterno e amigo do apoio popular à guerrilha em tudo!

As estruturas das nossas organizações populares de resistência foram as mais severamente atingidas pelo tufão destruidor do invasor. Mas dos escombros do edifício arruinado da resistência, as massas populares estão reerguendo a muralha da sua organização para resistirem aos vendavais da história.

Continuamos a receber o apoio moral e material das nossas populações. Cartas de varias partes, da Comarca, das cidades, das vila e campos continuam chegando às nossas mãos exortando-nos para continuarmos a resistir de armas em punho lutando contra os ocupantes, sugerindo-nos planos, indicando-nos métodos de acção para reorganizarmos a resistência, e manifestando a sua total confiança na Direcção e no seu braço armado as FALINTIL.

Segundo aquilo que podem, as populações continuam dando refúgio aos guerrilheiros e apoiando-os em comer, e outras coisas necessárias à vida da guerrilha.

É a realidade que vivemos. O apoio popular é a condição indispensável para a sobrevivência da guerrilha!

b) — A Igreja de Timor-Leste, tem sido nos tempos mais difíceis e perigosos da nossa luta o grande suporte moral e psicológico para o nosso povo suportar com as durezas da guerra.

Continuamos a receber o apoio das suas preces e orações, qual estímulo moral que nos alimentam forças e determinação para persistirmos na luta armada.

Nós acreditamos que nessa hora tão crítica que a nossa luta atravessa, a Igreja Católica está solidária connosco, não nos abandonará tal como nunca nos abandonou um período tão crítico do passado.

Sabemos que hoje a Igreja Católica é também vítima das brutais intimidações do ocupante, por se colocar ao lado do nosso povo, defendendo a verdade e desmascarando a injustiça. D. Ximenes Belo, o nosso Bispo, foi vítima de intimidações desumanas das autoridades ocupacionistas, por ter denunciado as brutais ameaças, intimidações e terror selvagem que os indonésios faziam utilizavam contra os timorenses obrigando-os a aceitar aquilo que repudiam com toda a alma.

Pensamos que para solucionar a questão de Timor Leste, a Igreja Católica devia ser chamado a pronunciar-se sobre isso e vamos lutar para que isso aconteça.

Aproveitamos a oportunidade para apelarmos a todo o clero timorense para que não se esqueça dos seus irmãos nesse momento tão doloroso e crítico que o País vive! Pedimos continuamente o auxílio das suas orações, qual estímulo moral que alimenta a nossa alma mambere de coragem para continuarmos defendendo com armas a dignidade timorense.

c — Quanto as outras entidades, julgamos que não será difícil o irmão compreender as dificuldades de contacto que hoje vivemos. Mas a alma mambere nunca esmorecerá, a esperença no porvir não se esfumará por mais difícies e perigosas que a luta, a situação venha desenhar-se.

São essas as respostas que eu pude dar às suas perguntas. São respostas incompletas e menos acertadas, críticas inconsistentes, apreensões mal contidas, retratando tão sòmente o emaranhado das minhas confusões que constituem a enorme teia das dificuldades que me envolvem, pelo que lhe peço para o tentar, com paciência, desnovelar o fio para encontrar a ponta da meada.

Peço-lhe também para que depois de ler, corrija os erros e passe ao conhecimento de outros companheiros, pois só assim estaremos capazes de cobrir a actual de crise que a Luta atravessa.

Termino renovando as minhas cordiais saudações e os melhores cumprimentos com abraços fraternais de todos nós, os seus irmãos guerrilheiros que continuam resistindo de armas em punho lutando contra os criminosos ocupantes, aceitando continuamente as suas mortes como o preço da liberdade do nosso Povo!

O vosso irmão, sempre ao dispôr

Nino Konis Santana